

Arnold Wesker, cujas peças já pisaram as regiões da blasfémia, defende a liberdade de expressão. Ao longo da história sempre tivemos de lidar com fanáticos, que têm de ser arrancados como ervas daninhas.

Nos dias negros da histeria Muçulmana em torno do romance “Os Versículos Satânicos”, de Salman Rushdie, o muito inteligente Roy Hattersley exaltou-se num artigo para o Independent (Julho de 1989): “Uma sociedade livre não bane livros. Nem permite que autores e editores seja chantageados e intimidados.” No entanto, foi dizendo que “Os Versículos Satânicos” não deviam ser publicados como livro de bolso, por considerar que tinha sido efectivamente praticada uma ofensa contra os Muçulmanos e que se Rushdie se ficasse por esse formato estaria a patentear o seu arrependimento e a apaziguar a fúria Muçulmana. Se eu fosse Muçulmano naquela altura, teria achado esta declaração insultuosa. Uma ofensa é uma ofensa, quer seja em livro de bolso, quer seja em papel couché. A questão real é: nesta vida é possível evitar a ofensa?

Tive de ponderar bem esta questão ao escrever três das minhas peças. Em Shylock, há um discurso em que Shylock (o da minha imaginação, não o de Shakespeare), um Judeu da Renascença, considera as razões pelas quais Abraão inventou Deus. A ideia de “inventar Deus” é ofensiva para as religiões monoteístas? Caritas é sobre uma eremita do século XIV que, após três anos de clausura à espera de uma revelação divina que não chegou, declara, como muitos fizeram, que “Deus não existe”. Quem é que se vai ofender com isto? O próprio título da terceira peça, Quando Deus Quis um Filho, pode ser considerado irreverente; a peça também explora a questão de o que ou quem pode ou não ser ridicularizado humoristicamente, e chega à seguinte conclusão:

(...) Todos eles podem ser ridicularizados se parecerem apaixonados ou ébrios: o mártir pelo seu sacrifício, o guerrilheiro pela sua raiva, o missionário pelo seu zelo, o educador pela sua inteligência e os que têm dores pelo seu sofrimento. (...) Sou um puritano. Creio que tudo tem de ser merecido e todos aqueles que se dedicam ao altruísmo e à agonia devem fazê-lo com relutância. Os que fossem apanhados a gostar deviam ser ridicularizados de castigo.

A ofensa pode ser dividida em três categorias: gratuita, calculada e inevitável. A ofensa gratuita é irracional, está enraizada na ignorância ou na falta de sensibilidade; está ligada à violência irracional. A ofensa calculada descreve-se a si própria, a intenção é clara e deliberada e visa um resultado concreto - magoar: cuspir nos pés de alguém para mostrar desprezo; pintar uma suástica num túmulo Judeu; retalhar a bandeira de um país em sinal de reprovação pelas suas políticas internas ou externas. Essas duas categorias - como todas as categorias - sobrepõem-se e, comparativamente, é mais fácil lidar com elas. A terceira, que diz respeito ao caso Rushdie, é outra coisa.

Lidar com a ofensa

Tudo aquilo que fazemos, dizemos ou escrevemos legitimamente comporta um risco inevitável, inerente aos procedimentos normais da convivência humana, de ser ofensivo. É o perigo inelutável de viver, que, quando aceite, deve ser considerado um sinal de maturidade intelectual e emocional. Aceitar que as posições e as acções dos outros acarretam um perigo inelutável não significa que não as possamos discutir e tentar mudar dentro dos trâmites legais, mas significa que não podemos erguer-nos em ultraje e exigir que o responsável seja condenado à morte ou a sua acção apagada de cada vez que ocorre uma ofensa.

Consideremos tudo aquilo que pode ser potencialmente ofensivo. Os estilistas podem ficar ofendidos com aqueles que consideram vestir-se mal ou com indiferença; os amantes de um certo tipo de música podem achar que a música dos outros é uma ofensa para os seus ouvidos; conheço quem se tenha ofendido por aquilo que considerava ser o tom melodramático e paternalista do discurso da Margaret Thatcher; muito do que vemos na televisão ofende um certo tipo de inteligência e sensibilidade; alguns descrentes acham que a noção de Deus é uma ofensa ao seu intelecto; o Príncipe Carlos sente-se ofendido com a arquitectura que o rodeia; alguém se sente ofendido com aquilo que considera ser a visão pueril do paraíso, descrito no Corão; e, pessoalmente, eu fiquei profundamente ofendido com o envio de crianças iranianas de 13 anos para a morte, em nome de uma guerra santa. Partilho da visão da romancista Fay Weldon quando diz que o Corão pode ser considerado ofensivo pelos judeus, pelos cristãos e pelas mulheres. (Enquanto judeu, não estou à-vontade com certas escrituras cristãs e enquanto humanista não me sinto nada confortável com algumas afirmações bíblicas.) Mas nem por isso podemos exigir a morte dos mal-vestidos ou a incineração do Corão ou da Bíblia.

Loucura política

O mais complexo dos problemas é a blasfémia. A questão não é “O que é a blasfémia”, mas sim “a blasfémia é um direito?” Tal como a “ofensa”, a blasfémia divide-se nas mesmas três categorias: gratuita (e quase todos somos culpados dela, de cada vez que dizemos “Ai Jesus!” ou “Deus do céu!”); calculada, e inevitável. Eu partilho do ponto de vista expresso por Shylock na minha peça, o de que Abraão inventou Deus. Este ponto de vista é um direito meu. Inevitavelmente, o meu direito é blasfemo, uma vez que nega aquilo que são os textos supostamente inspirados por via divina e os ensinamentos da Bíblia, dos Evangelhos e do Corão. Podem discutir comigo, ignorar-me, descartar-me como amigo; algum director artístico devoto pode recusar-se a mostrar a minha peça, mas não posso ser condenado à morte, nem ser feito prisioneiro na minha própria terra. Esta foi a posição em que puseram Salman Rushdie. Ou pior, como Fay Weldon disse - ele era prisioneiro do Irão na sua própria terra. Essa foi uma nova fronteira da loucura política que eu temo nunca vir compreender inteiramente. Não me interpretem mal. Peçam-me que defenda, juntamente com Voltaire, a porta de uma igreja, sinagoga ou mesquita de um ataque e eu lá estarei. Mas estamos em 2002. A Idade da Razão marcou-me profundamente. Os homens e as mulheres mais adoráveis pensaram e morreram para que eu pudesse viver e respirar o ar livre da razão. E, no entanto, o meu colega escondeu-se, temendo pela própria vida, porque, como antigamente, alguns sacerdotes intolerantes começaram a agitar a lama religiosa, usada há muito tempo para dar um consolo espiritual simples às cabeças simples. Não foi só um escritor que foi ameaçado, foi todo o mundo secular.

Não estamos a lidar com “um Muçulmano”, mas com um tipo identificado ao longo da história como “um fanático”. O Dr. Hesham el Essawy, presidente da Sociedade Islâmica para a Promoção da Tolerância Religiosa, é aquilo que espero e acredito ser a verdadeira mente Muçulmana. Há muitos anos, (9 Julho 1989) declarou na coluna 'Faith and Reason' do Independent (ecoando as palavras do Rabino Leib - “Um homem deve tentar que todas as suas acções sejam uma Tora e ele próprio transformar-se inteiramente em Tora, para que outros possam aprender com a sua vida”):

A forma como conduzimos este diálogo também é importante. E como devemos fazê-lo? Com bondade, delicadeza e tolerância, diz o Corão. Cada um deve apresentar as suas provas e cada um deve respeitar o direito dos outros de não as aceitar. “O teu trabalho é passar a mensagem. Se eles acreditam ou não, isso não te diz respeito.”, disse Deus ao Seu Mensageiro no Corão... O que é importante, e menos sublinhado, é a função social da fé, o importantíssimo objectivo terreno da religião. Cada um deve preocupar-se com o que faz com a sua fé, não com a fé em si... O teste à tua fé, qualquer que ela seja, é a forma como me trata...

Este raciocínio é alheio à mente do fanático. O fanático ajudou a esventrar muitos santos que causavam discórdia, atirou os homossexuais para a fogueira que queimou a pobre Joana, tricotou ao lado da guilhotina que cortava as cabeças aos inocentes, bem como aos culpados; chacinou os agricultores russos que atrapalhavam o caminho ao comunismo; linchou os pretos nos estados do Sul da América; pôs os judeus a marchar para a câmara de gás; assassinou os intelectuais do Bangladesh; gozou e aprou os intelectuais Chineses, que foram mandados cultivar os campos em nome de uma revolução cultural; queimou um livro em Bradford; pôs a cabeça do autor a prémio por 3 milhões de libras; pilotou aviões contra as Torres Gémeas. Estamos a lidar com uma mentalidade especial que não consegue suportar o mínimo desvio às suas próprias percepções e crenças, uma mentalidade que, tal como a erva daninha, existe desde Adão. Já se chamou coisas diferentes em tempos diferentes e, como a erva daninha, está eternamente enraizada na dinâmica de um mundo que vai precisar sempre de fazer uma escolha.